



**ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS:
AS ESCRITAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E AMADOU
HAMPÂTE BÂ**

Jane Rodrigues dos Santos

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
jane.dos.santos@hotmail.com

Resumo:

O presente texto busca refletir acerca de possibilidades dialógicas entre literatura e história. Neste sentido, mostra-se particularmente interessante o relato autobiográfico ou de memórias como propulsores de histórias e novos modos de se pensar e realizar a História. Para tanto, propomos uma breve reflexão sobre os caminhos de escrita das obras *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, e *Amkoullel, o menino fula*, de Amadou Hampâté Bâ.

Palavras-chave: Literatura; História; Memórias; Ficção

Abstract:

This paper aims to reflect on the dialogic possibilities between literature and history. In this sense, it shows autobiographical account particularly interesting memories and new ways of thinking and make history. To this end, we propose a brief reflection on the writing paths of works *Becos da Memória*, Conceição Evaristo, and *Amkoullel, o menino fula*, Amadou Bâ Hampâté.

Keyword: Literature; History; Memories; Fiction

1 - História e Literatura: caminhos entrelaçados da memória

Pensar o enlace Literatura e História significa ratificar a importância da relação entre a ficção e o espaço do real que lhe inspira a materialização escrita. Jogo no qual se encerra o mostrar e o esconder das verdades históricas (sempre supostas)

e os afetos literários (sempre deslizantes). Ato reflexivo ainda mais instigante quando se estudam os textos africanos.

Afinal, ao falar do território africano – retomando as palavras de Joseph Ki-Zerbo – percebe-se como este também o caracteriza como uma espécie de espaço liso, movediço, em que ganha importância o caráter inventivo da narração histórica

[...] a história anda sobre dois pés: o da liberdade e o da necessidade. Se considerarmos a história na sua duração e totalidade, compreenderemos que há, simultaneamente, continuidade e ruptura. Há períodos em que as invenções se atropelam: são as fases da liberdade criativa. E há momentos em que, porque as contradições não foram resolvidas, as rupturas se impõem: são as fases da necessidade. Na minha compreensão, os dois aspectos estão ligados. A liberdade representa a capacidade do ser humano para inventar, para se projetar para diante, rumo a novas opções, adições, descobertas. E a necessidade representa as estruturas sociais, econômicas e culturais que, pouco a pouco, vão se instalando, por vezes de forma subterrânea, até se imporem, desembocando à luz do dia uma configuração nova. (SECCO Apud Ki-ZERBO, 2014: p. 45)

Uma “forma subterrânea”, uma necessidade de buscar a liberdade para além da continuidade vazia de uma História oficial, o que no caso das literaturas africanas se traduz por uma “estética do sensível”, significando pensar a união entre a linguagem e os sentidos “optando por dizer e pensar, de modo inovador, os sentimentos, o erotismo, a beleza estética, os afetos, a imaginação criadora.” (SECCO, 2014: p. 47). Afinal, há uma potencialidade no discurso literário que permite “encarar” a faceta “caótica” presente no chamado real e que, pela sua natureza, ainda vinculada a parâmetros cartesianos e clássicos – “territórios cristalizados” –, a disciplina História, vista isoladamente, não pode abarcar. (ALBUQUERQUE, 2005: p.4)

Se este relacionamento entre as disciplinas mostra-se sedutor por si só, imaginemos quando se tornam ainda mais entrelaçados os conceitos de verdade (fatos) e ficção (invenção), como no caso dos relatos de memória e nas ditas autobiografias. Mas o que seriam efetivamente tais escritas?

A autobiografia convida a uma série de reflexões para além de sua definição primária, entendida como a biografia realizada pelo próprio biografado, isto é, o relato de alguém a propósito de sua própria história de vida. A autobiografia deve ser entendida como uma narrativa, uma ficção detentora de algumas especificidades, nas quais se põem em questão a “centralidade do sujeito da enunciação”. (REIS& LOPES, 2007: p.36)

Constitui-se, assim, como uma seleção de memórias, marcadas por um processo de modo algum neutro ou, se preferirmos, “real”, visto que se centra em detalhes, em aspectos que, longe de serem objetivos, estão grafados pela subjetividade de quem recolhe fatos e afetos a serem narrados. As memórias têm a potencialidade de nos envolver por serem narradas por aqueles que se confundem com a figura da personagem, forjando-se a “verdade” de quem viveu os fatos. Entretanto, esta deve ser sempre posta em suspeição, daí o seu caráter ficcional, porque esse mesmo sujeito empírico é o narrador, capaz, portanto, de manipular, recortar, acrescentar ou suprimir fatos de seu relato já tomado como verídico. Por outro lado, ao realizar seu trabalho de manipulação, o sujeito-autor, narrador e personagem, exerce o potencial de escritura para além de escrita (cf. Barthes). Dito de outro modo, tal discurso desliga-se da função referencial, pensado como verdade, para se ampliar em um dizer poético, porque imerso no cuidado com a linguagem, no artesanato de ideias, sentimentos e palavras.

Também a que se considerar que tal cuidado estético vem necessariamente acompanhado de um procedimento ético que lhe é inerente, o sujeito que narra, não é mais o sujeito empírico de outrora, não está mais envolto pelos acontecimentos, agora ele os controla e repensa. Porta-se como outro diante de seu próprio passado. Assim, “para contar a história, ele esperará até a conhecer na sua totalidade; só mais tarde, envelhecido, calmo, regressado ao lar, o navegador se debruçará sobre o seu passado, porá ordem nas suas recordações. (REIS & LOPES Apud BUTOR 2007: p. 37)

2- Os *Becos da Memória* e a escrita de Conceição Evaristo

Nosso interesse pela memória vem também da lembrança de um texto. Um texto que não por acaso chama-se *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. Ao mencionarmos o nome da autora somos impulsionados a descrever fatos biográficos que marcam seu percurso autoral. Tal impulso mais do que uma prática acadêmica, mostra-se relevante, visto que o posicionamento da autora na composição de seu percurso literário, de sua escolha por aquilo que ela mesma vai chamar de “escrevivência” (suas experiências e suas vivências como matéria-prima de escrita), marca fundamentalmente a sua obra. Sobretudo, considerando-se que esta resulta de

uma reinvenção de si mesma, de suas memórias e de suas raízes transfiguradas em literatura.

Assim, é improvável falarmos, estudarmos, sobre Conceição Evaristo sem lembrar o jogo ficcional existente entre sua biografia e sua escrita, entremeadas pelos sabores do afeto de que nos fala Carmen Lúcia Tindó Secco (2014). Afinal, a autora nasce nos anos 40 e vive o cotidiano de uma infância nas favelas de Belo Horizonte, criada por uma mãe semianalfabeta que, entretanto, lhe conta histórias, narrativas simples recheadas de dizeres que ecoam de tempos outros, de antepassados para os quais as regras normativas da Língua não se impunham. Falares, portanto, permeados de uma oralidade ancestral, trazidos para a geografia híbrida do cotidiano citadino.

Na dedicatória de *Becos da Memória*, delicadamente, Evaristo cita os nomes e os motivos de cada lembrança: *In Memoriam* ao companheiro, “[...] que tomou o rumo da sua derradeira viagem, muito tempo antes do livro editado”. Aos da família, “ancestrais profundamente inscritos em minha memória (...) deles, as minhas primeiras lições de negritude”. Às tias, uma que sonhava ter uma escola “em sua pobre casa”, outra “mulher de palavra e da palavra”, a quem a autora deve tantas histórias, e a terceira, responsável pelo seu melhor presente de natal: “uma longa bala e uma minúscula maquininha de costura de plástico, presentes enrolados em celofanes coloridos” (EVARISTO, 2013: p.9).

Nos agradecimentos, outra lista de nomes amigos, também acompanhados das recordações de cada etapa do livro, aqui, em sua segunda edição. E por fim, a “Conversa com o leitor – *Da construção de Becos*”, em que a autora se entrega às memórias sobre a escrita e a publicação da obra, divididas em três tempos. A origem (1968), em uma espécie de crônica, escrita como um exercício das aulas de redação do então período ginásial, intitulada “Samba Favela” – meses depois publicada no *Diário Católico de Belo Horizonte* e em uma revista católica do Rio Grande do Sul. O período de desengavetamento (1988) e a promessa de publicação pela Fundação Palmares/Minc, em decorrência das comemorações pelo Centenário da Abolição da Escravatura – o que acabou não ocorrendo. E a publicação de sua primeira edição, quase 20 anos depois, em 2006. Neste momento, diz a autora:

Becos da memória é uma criação que pode ser lida como ficções de memória ao narrar a ambiência de uma favela que não existe mais. Continuo afirmando que a favela descrita em *Becos da memória* acabou e acabou.

Hoje, as favelas produzem outras memórias, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções. (EVARISTO, 2013: p. 13)

Duplica, assim, a própria dimensão da memória que se realiza não de modo a espelhar um real, mas de relatar uma possibilidade de ser para o passado lembrado, agora refletido pelo olhar narrativo, como nos lembra a professora Maria Nazareth Soares Fonseca, no posfácio de *Becos da memória*:

Escrever é a ferramenta utilizada para recompor o vasto painel de lembranças calcadas na “experiência da pobreza”, vivida por quem soube observar, com olhos atentos e condoídos, os becos de uma coletividade favelada e os seus habitantes (...). A menina de olhar atento retém as imagens que, mais tarde, já como mulher, irão compor o plano no qual as vidas subterrâneas emergem para expor a sua experiência. (EVARISTO, 2013: p.260)

Ressalta, assim, outra especificidade do discurso da memória, já destacado pela docente ao mencionar as palavras de Michael Pollak, segundo as quais as memórias subterrâneas emergem de relatos orais “como parte integrantes das culturas minoritárias e dominadas, [que] se opõem à Memória oficial” ou memória nacional. (FONSECA, Apud POLLAK, 2013: p.257)

Um modo inovador que a literatura de Conceição Evaristo alcança ao mudar o foco do discurso que fala dos traumas e barbáries sofridos pelos negros escravos, retirando-o da neutralidade para a lembrança fecunda da qual deve nascer a literatura afetiva, porque afeta, porque dimensiona para o humano das relações presentes a violência do passado.

Neste contexto, destaca-se a escola e, em especial, o momento em que a protagonista Maria-Nova tem aulas sobre o tema da escravidão e suas consequências. O contraste entre a leitura da professora e sua postura de neutralidade, face ao passado escravocrata, e o peso da terrível descoberta da menina, diante da revelação da visão eurocêntrica, da exploração do homem pelo homem, é evidente. O que a faz pensar que essa história, assim “muito grande”, não podia se limitar à leitura mecânica dos lábios: “Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente.” (EVARISTO, 2013: p.210-211)

Aqui ressaltamos a relação crítica que estabelece a personagem entre a favela e a senzala, em um posicionamento que aproxima semanticamente tais vocábulos,

levando a um questionar, certamente histórico, ao qual se unem marcas da subjetividade memorialística:

Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma, e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela. (EVARISTO, 2013: p. 104)

A fala da personagem Maria-Nova –uma criança – e o pensamento de Evaristo, a escritora, ambas marcadas por traços comuns da vivência nas favelas, fazem dos “becos” deste relato verdadeiros “espaços lisos”, no dizer de Gilles Deleuze e Félix Guattari, porque recriados pela memória, em oposição ao “espaço estriado” da História oficial:

No espaço liso, portanto, a linha é um vetor, uma direção e não uma dimensão ou uma determinação métrica. [...] O espaço liso é ocupado por acontecimentos [...]. É um espaço de afectos, mais que de propriedades. [...] Nele a percepção é feita de sintomas e avaliações mais do que de medidas e propriedades. (DELEUZE & GUATTARI, 2007: p. 185)

A memória na obra da autora apresenta, portanto, uma dimensão dupla. À primeira vista, aquela mais evidente do terreno pessoal, mas logo esta cede espaço à percepção de outra. Toma a forma do sentimento de resistência (mesmo coletiva), uma atitude que leva ao desejo de um resgate além das lembranças particulares, porque busca provocar a reflexão, neste caso, um reposicionamento do sujeito-leitor perante as histórias que também o rodeiam.

Neste sentido, vale retomarmos algumas reflexões em torno do romance *Ponciá Vicêncio*, também de autoria de Conceição Evaristo, em que a protagonista mostra sinais de uma estranha loucura. De um lado, pensada como consequência das condições precárias: fome, falta de assistência médica, etc. De outro, vista como resultante de uma solidão profunda relacionada ao universo negro diaspórico e o premente desejo, mesmo inconsciente, de re-ligação ao sagrado oriundo das matrizes da tradição africana, sem a qual o sujeito torna-se uma espécie de órfão de sua própria história:

A personagem principal do livro [Ponciá Vicêncio] tem "ausências" de memória, que ficam claras dentro do contexto, mas de um modo bem subliminar. Por que você achou importante incluir isso na obra?

Na verdade, a Ponciá retrata muito a questão da saúde mental dos negros. Há um certo tempo, o “Fantástico” mostrou uma série de reportagens em casas de pessoas com problemas de saúde mental, e a gente via uma grande maioria negra. Então eu acho que essa condição desumana em que a gente vive tem muito a ver com as doenças mentais que nós desenvolvemos.

Ou seja, isso tem um fundo social.

Com certeza eu acho que essa doença mental de Ponciá tem um fundo social. Agora tem uma outra coisa que é uma leitura minha como escritora é que você vê que o surto dela tem a ver com a questão da ancestralidade, da herança genética. Penso que se você tem dinheiro e vai fazer uma terapia, isso resolve um pouco, que é o que a classe média consegue fazer. Mas como a nossa terapia é a religião, vindo de uma família extremamente católica eu acho que as religiões cristãs não respondem à questão da nossa ancestralidade. Então, lidar com algumas coisas fica muito difícil, porque a gente desconhece. Essa é outra coisa bastante interessante no livro, representada pela personagem da Nêgua Kainda, que é a mãe de santo, médica, conselheira. Inclusive uma das coisas que Ponciá Vicêncio retrata é que quando a gente não sabe e não consegue lidar com aquilo que a gente tem de herança, e herança em termos espiritual principalmente, nós nos tornamos um sujeito desconcertado, mais vulnerável. (CONCEIÇÃO, 2015: p, 2)¹.

Já na entrevista ao programa “Encontros de Interrogação”, Conceição Evaristo sintetiza esta herança-loucura da personagem ao ler um dos trechos do romance, no qual se narra este estado de orfandade da protagonista (banzo):

Na primeira manhã em que Ponciá Vicêncio amanheceu novamente no emprego depois do retorno à terra natal, levantou-se com uma coceira insistente entre os dedos das mãos. Coçou tanto até sangrar. [...]. Ela nunca tivera nada de pele. Ao nascer, o primeiro banho tinha sido em sangue de tatu, o que deixou Ponciá imunizada para qualquer mal nesse sentido. Então, por que agora, quando já grande, o surgimento daquele incômodo que coçava tanto entre os dedos? Ponciá Vicêncio cheirou a mão e sentiu o cheiro de barro. [...]. Correu lá no fundo da casa, no seu quarto de empregada, e tirou o homem-barro de dentro da trouxa. Cheirou o trabalho, era o mesmo odor da mão. Ah! Então, é isso! Era o Vô Vicêncio que tinha deixado aquele odor. [...]. Ela beijou respeitosamente a estátua sentindo uma palpável saudade do barro. Ficou por uns instantes trabalhando uma massa imaginária nas mãos. Ouviu murmúrios, lamentos e risos... Era Vô Vicêncio. Apurou os ouvidos e respirou fundo. Não, ela não tinha perdido o contato

¹ A entrevista na íntegra encontra-se em: EVARISTO, Conceição. *Exclusivo Online Entrevista*. Disponível em: <http://racabrasil.uol.com.br/cultura - gente/96/artigo15673-3.asp>. Acesso em: 04 de novembro de 2015.

com os mortos. E era sinal de que encontraria a mãe e o irmão vivos.²
(CONCEIÇÃO, 2003: p. 74-75)

Entretanto, cabe ressaltar que, tal como se vê em *Becos da Memória*, a saudade é propulsora de uma busca, de uma reforma íntima, que se traduz em resistência à leitura passiva da história dos antepassados negros e escravos na contemporaneidade. Algo que se percebe na epifania presente na parte final do romance. Em que o irmão de Ponciá, Luandi, opta pelo caminho da volta ao povoado a fim de auxiliar no processo de reconhecimento da arte produzida pela irmã e pela mãe. Peças que simbolizam e expressam a reconstituição da “história dos seus”:

Luandi José Vicêncio olhava o rosto da irmã, que caminhava em círculos. [...] Um dia ele voltaria ao povoado e tentaria recolher alguns trabalhos dela e da mãe. Eram trabalhos que contavam partes de uma história. Uma história dos negros talvez. [...] Ele que levava tanto tempo desejando a condição de ser soldado, em poucos minutos escolhia desfazer-se dela. [...] Compreendera que sua vida, um grão de lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. (EVARISTO, 2003: p. 126-127)

3-Amkoullel, o menino fula, de Amadou HampâteBâ

Em caminho às avessas, partimos do Brasil à África, o espaço da voz ancestral de um território pressentido nas lutas diárias textualizadas na pele e nas letras de Conceição e seus personagens. Lá encontramos a obra *Amkoullel, o menino fula*, de Amadou Hampâte Bâ. Tal como procedemos em relação a Evaristo, vamos às (re)apresentações indispensáveis do autor, utilizando-nos de dados presentes no prefácio da edição brasileira da citada obra, a cargo do pesquisador Fábio Leite.

Amadou Hampâte Bá “acreditava ter nascido em 1900”, na África negra, ao sul do Saara, “englobando o atual Mali. Filho de Hampâté e kadidja”, de origem fula (pastores nômades), viveu entre os tucolor e os bambara, povos, locais e trajetórias transformados em personagens desta obra, que espelha de maneira vivaz a sensação da África em que viveu. Marcado pela educação islâmica recebida desde a infância, acrescida da vivência na espiritualidade africana, recebeu bolsas de estudodurante

² Transcrição de parte da entrevista ao Programa *Encontros de interrogação*. EVARISTO, Conceição. *Encontros de Interrogação*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dHAaZQPIF8I> . Acesso em 04 de novembro de 2015.

a administração colonial francesa, ocupou cargos, mas seu maior mérito foi “ter se dedicado desde sempre à coleta de narrativas que – sabia de memória – acabando por se transformar em mestre da transmissão oral e especialista no estudo das sociedades negro-africanas das savanas.” (BÂ, 2013, p.7). Buscou em suas pesquisas evidenciar as narrativas orais como fontes históricas legítimas. Neste sentido, colaborando singularmente na elaboração da *História Geral da África*, publicada pela UNESCO em 1980.

Entre os aspectos mencionados, percebe-se em sua obra o encantamento narrativo próprio das lendas africanas, que, por sua vez, deriva também de origens outras, especialmente, dos modos do narrar árabe, plenamente incorporado ao corpo africano que vê o sujeito em continuidade às histórias de seus antepassados, conforme menciona o escritor no prólogo “A Memória Africana”:

Muitos amigos que leram o manuscrito mostraram-se surpresos. Como é que a memória de um homem de mais de oitenta anos é capaz de reconstituir tantas coisas e, principalmente, com tal minúcias de detalhes? Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como cera virgem [...]. O relato se faz em sua totalidade, ou não se faz. Nunca cansamos de ouvir mais uma vez, e mais outra, a mesma história! Para nós, a repetição não é um defeito. (BÂ, 2013: p.11)

Sua obra transita assim, como revelam as prévias explicações editoriais, entre a tradição oral, transfigurada na escrita, e a atenção de quem conhece o outro lado, aquele do leitor ocidental da obra. Porém, o que permanece de mais acentuado parece ser a defesa de que essa representação do espaço africano seja reconhecida, para além do modo de pensar a história ocidental, canônica.

O livro expressa a visão de um homem de mais de 80 anos sobre a reconstrução de sua memória, cheia de minúcias e detalhes, forjada dentro de uma tradição oral de grande precisão. O autor assim, passa do relato oral para uma narrativa descritiva (a escrita), numa metodologia que podemos dizer construtivista, ou seja, que nos leva a pensar, refletir sobre os nossos próprios caminhos a partir do relato realizado pelo mesmo. Tal fato pode levar a princípio a suposição de uma inflação de imaginação e subjetividade. No entanto, os fatos devem ser observados, dentro da tradição da história africana da oralidade, que capacita aqueles indivíduos. (AGUIAR et al., 2008: p.6)

A partir deste ponto de vista, o autor discute alguns dados primordiais da sociedade africana, escamoteados ou parcialmente escamoteados pela História (oficial), a saber: a oralidade, o papel das religiões e da família. Também aspectos

relacionados ao tempo social e emocional de seu amadurecimento, seja por meio da educação recebida em casa (histórias como legado) ou da escola dos brancos. Deste modo, o livro trata de uma possível transcrição do discurso oral para a escrita, sempre por intermédio da memória, sem, contudo, desconsiderar o conhecimento formal de disciplinas como: a sociologia, a filosofia e a antropologia, integrados à formação do pensador africano. Saberes que se reúnem fecundamente na escrita autobiográfica de *Amkoullel, o menino fula*, obra que revela aos leitores aspectos sociais e culturais que corroboram para a percepção da história da África Subssariana, mais propriamente a história do Mali, tecida por meio do movimento de suas memórias de infância e juventude, em que conjuntamente se reconhece o sujeito/escritor/ historiador Bá misturado às próprias raízes da história do povo fula. Fato que se reafirma na apresentação do nome Amkoullel estampado no título da obra: “o grande contador de histórias e tradicionalista Koullel, que na minha terra infância havia se ligado a mim a ponto de me apelidarem ‘Amkoullel’ (quer dizer, ‘o pequeno Amadou de Koullel’ ou ‘filho de Koullel’)”. (BÂ, 2003, p.72).

Um nome que por si só revela, de um lado, a grande afinidade do menino fula com o mestre de sua aldeia e, de outro, o modo como o protagonista guarda as lembranças, tal como o tradicionalista, da história malinesa, abarcando detalhes da arte, da cultura, dos modos de ser desta parte da África, particularizada pelas memórias de quem lá viveu.

Deste modo, não é possível ao autor excluir de sua história os antepassados que nele vivem ou a dimensão invisível do sonho e da espiritualidade inerente ao cotidiano africano:

Nas narrativas africanas, em que o passado é revivido como experiência atual de forma quase intemporal, às vezes surge certo caos que incomoda os espíritos ocidentais. [...]. Outra coisa que às vezes incomoda os ocidentais nas histórias africanas é a frequente intervenção de sonhos premonitórios, previsões e outros fenômenos do gênero. Mas a vida africana é entremeada deste tipo de acontecimentos que, para nós, são parte do dia a dia e não nos surpreendem de maneira alguma. (BÂ, 2013: p.12)

Ratifica-se, portanto, a importância dirigida aos antepassados nas sociedades africanas, como discute o texto “O eterno retorno”, de Nsang O’Khan Kabwasa³:

³Autor do Zaire e um dos especialistas do programa da Divisão de Alfabetização de Adultos e de Desenvolvimento Rural das Nações Unidas para a África. Ganhador de diversos prêmios literários por romances e contos publicados em inglês e francês.

O respeito que os rodeia deve-se não só à sua longividade – fenômeno raro na África – mas também a visão animista africana do universo, segundo a qual flui através dos homens gerações sucessivas. Mesmo antes do nascimento, o africano já faz parte desse processo, pertence a um grupo do qual é indissociável, não pode ser separado nem dos que o precederam, nem dos que o irão suceder, e os **valores tradicionais o protegem contra o abandono e a solidão**. (KABWASA, 1982: p.14) (grifo nosso)

Aspectos da tradição presentes inclusive no trabalho artesanal que “baseava-se em conhecimentos esotéricos transmitidos de geração em geração, e cuja origem era uma revelação inicial [...] porque ‘imitava’ a obra de *MaaNgala* e completava sua criação.” (BÂ, 2010: p.196)

A importância das atividades artesanais tradicionais se reafirma também em termos da manutenção de valores linguísticos (intemporais), visto que em tais atividades a linguagem esotérica serve de comunicação entre os humanos e o sagrado:

[...] os artesãos tradicionais acompanham seu trabalho com cantos rituais ou palavras rítmicas sacramentais, e seus gestos são considerados uma linguagem. Na verdade, os gestos de cada ofício reproduzem, mediante um simbolismo que lhes é próprio, o mistério da criação primeira unida ao poder da Palavra. (BÂ, 2010: p.196)

Por tais preceitos, a obra de Hampâté Bá divide-se em capítulos intitulados: “Raízes”; “Kadidja, minha mãe”; “O Exílio”; “O Retorno a Bandiagara”; “A escola dos brancos”; “Kati, a cidade militar” e “Bamako, o fim dos estudos”. Neste texto, daremos destaque aos dois primeiros porque como nos diz o autor “seria impensável para o velho africano que sou, nascido na aurora deste século na aldeia de Bandiagara, no Mali, iniciar o relato de minha vida sem evocar primeiro [...] minhas duas linhagens, a paterna e a materna.” (BÂ, 2013: p.19)

Quanto à linhagem paterna, destacam-se os ancestrais Bâ e Hamsalah que juraram fidelidade a Cheikou Amadou, mas que:

Nem por isto deixaram de criar gado, pois nenhum fula, digno deste nome, mesmo sedentarizado, saberia viver sem ocupar-se, por pouco que fosse, de um rebanho. Nem tanto por razões econômicas, mas devido ao amor ancestral pelo animal irmão, quase sagrado, seu companheiro desde a aurora dos tempos. “um fula sem rebanho é um príncipe sem coroa”, diz um ditado. (BÂ, 2013: p. 21-22)

Como se percebe, por esta breve citação, a história de Hampâté Bá vai se estabelecendo de modo dialógico, em que a narrativa e a exposição de dados parecem se relativizar, entrando em territórios da escrita pouco afeitos ao registro histórico de cunho oficial. Primeiro pelo fato de que apesar de estar sob o domínio do soberano “fundador do Estado Islâmico” na região, o povo fula mantém os seus hábitos, não se utilizando de força militar de resistência, mas impondo a força de sua tradição. Depois, observa-se que a própria construção do discurso passa por registros não oficiais, permeado pelo afeto das tradições (“amor ancestral”, “animal irmão”) e pela constatação advinda unicamente da experiência empírica, expressa no ditado: “um fula sem rebanho é um príncipe sem coroa”.

Outro aspecto que chama a atenção, neste momento narrativo, refere-se à convivência, conciliatória, entre as religiões tradicionais africanas e o Islã. Em entrevista a *Revista Thot*, Amadou Hampâté Bá afirma que a expansão de qualquer uma das religiões monoteístas, que tentaram se estabelecer na África (católica, protestante ou muçumana), seria prejudicial às religiões tradicionais, porém o Islã foi a que melhor se adaptou, em sua opinião. Afinal, quando um costume não fosse contra um dos onze artigos fundamentais da fé islâmica, esse costume era admitido, pelo menos na África negra. Podendo-se por isso “preservar os ofícios tradicionais com as iniciações e as transmissões de conhecimento que lhes são próprias [...] no interior da sociedade muçumana”. (BÂ, 2004: p.6)

Assim, embora as leis do livro sagrado dos muçulmanos, o *Alcorão*, provocassem alguns embates com a crença politeísta africana – “há numerosas diferenças: deuses, símbolos sagrados, proibições religiosas e costumes sociais delas resultantes, que variam de uma região a outra, de uma etnia a outra, às vezes, de aldeia para aldeia” – observa-se a integração das duas facetas culturais no cotidiano infantil do protagonista (BÂ, 2013: p.14). De acordo com esta percepção, a autobiografia deste menino fula, pertencente às savanas de Bandiagara, encontra-se permeada de imagens memorialísticas que trazem como mote a religião muçumana de importância capital para sua formação:

Quando cheguei à idade de sete anos, uma noite, depois do jantar, meu pai me chamou. Ele me disse: “Esta será a noite da morte de sua primeira infância. Até agora, sua primeira infância lhe dava liberdade total. Ela lhe dava direitos sem impor qualquer dever, nem mesmo o de servir e adorar a Deus. A partir desta noite, você entra em sua grande infância. Terá certos deveres, a começar pelo de frequentar a escola corânica. Aprenderá a ler e a

memorizar os textos do livro sagrado, o *Alcorão*, a que chamamos também Mãe dos Livros”. (BÂ, 2013: p. 135)

Outro aspecto ligado à infância do protagonista, que ganha destaque, é a figura de sua mãe, Kadidja, a quem dedica um capítulo inteiro e cuja importância faz questão de salientar:

Se tivesse observado as regras da boa educação africana, teria falado em primeiro lugar sobre minha mãe ao começar esta narrativa, nem que fosse em obediência ao ditado malinês que diz: “Tudo o que somos e tudo que temos devemos somente uma vez a nosso pai, mas duas vezes a nossa mãe”. [...]. Que minha mãe me perdoe, portanto, não ter começado por ela esta narrativa, apesar de tudo aquilo que lhe devo, mas o encadeamento cronológico também tem suas leis. Desta página até a última, no entanto, ela ocupará um lugar essencial nesta obra. (BÂ, 2013: p. 45)

Mais uma vez observa-se que os ditames da religião islâmica não se sobrepujaram aos valores tradicionais africanos, pois se nesta vertente religiosa a figura da mulher é vista como um ser passivo, sempre à margem do pai, do marido, aqui este conceito não se aplica. Tal antítese expõe-se por meio de dados linguísticos e semânticos, afinal a mãe carrega o nome da esposa do profeta Maomé, ao mesmo tempo, em que se mostra personagem de histórias africanas fundamentais para o homem que veria a se tornar o pequeno fula. Entre as quais podemos citar a primeira viagem de Bá, ainda bebê, que exigiu de Kadidja o destemor das matriarcas africanas:

Eu era muito pequeno para ser transportado nas costas à maneira das mulheres africanas. Minha mãe procurou então uma grande cabaça que encheu de panos e tecidos macios e quentes e ali me deitou como num berço. Niélé, minha “serva-mãe, pôs a cabaça na cabeça e tomamos a estrada. E foi assim que, com apenas quarenta e um dias de presença neste mundo, comecei a viajar. (BÂ, 2013: p.51)

A mulher foi também protagonista de uma das narrativas mais estranhas aos olhos dos “leitores ocidentais” da obra, o episódio intitulado “O sonho de Kadidja”, do qual recolhemos alguns fragmentos:

Quando Kadidja voltou, ele fez as seguintes previsões, baseadas nos diversos elementos do sonho, assim como nos símbolos que observará na esteira: “Minha sobrinha Kadidja sobreviverá a todos os seus parentes. [...]. Nenhum de seus irmãos e irmãs terá filhos. Ela se casará duas vezes. Do primeiro casamento, terá três filhos. Eles dificilmente sobreviverão, mas se um viver será suficiente: será um grande amparo para ela. Seu segundo casamento a arruinará. Dará seis filhos ao segundo marido, mas, na verdade, essas crianças serão um peso para ela. Kadidja passará por grandes dificuldades durante a vida. Mas triunfará sobre todos os seus inimigos, homens e

mulheres, e superará todos os acontecimentos penosos que pautarão sua existência”

Esta previsão, espantosamente precisa, realizou-se nos mínimos detalhes no decorrer do tempo. (BÁ, 2013: p.49)

Tal procedimento narrativo presente na obra de Hampâté Bâ, de cunho intencionalmente histórico, termina por ganhar contornos caros à literatura, na medida em que esta opta sempre pela pluralidade semântica de dados possivelmente postos em questão pela racionalidade ocidental, ainda agarrada à ilusória estabilidade do real. Do mesmo modo, concede uma visão ampliada sobre a história africana, sempre mal traduzida pelo olhar desta mesma tradição europeia cartesiana, como se pressente nas palavras de Ki-Zerbo: “não se trata aqui de construir uma história –revanche, que relançaria a história colonialista como um bumerangue contra seus autores, mas de mudar as perspectivas e ressuscitar imagens ‘esquecidas’ ou perdidas”. (KI-ZERBO, 2010: p. 32)

Conclusão

Cabe, finalmente, destacar a importância da narrativa da criança, presente nas obras de Conceição e Hampaté. Segundo Jeanne Marie Gagnebin, trata-se do predomínio no texto de “tudo o que escapa à soberania do sujeito consciente e marca tão profundamente a criança que não adquiriu a ‘segurança’ do adulto” (GAGNEBIN, 1999: p. 82-83). Tendo em vista tais reflexões, podemos dizer que as crianças guardam a particularidade de apontar para um novo modo de questionar a sociedade e de experimentar os processos de escrita porque, ao conceder a voz narradora a uma criança, pode-se abrir mão de um olhar totalizante em termos ideológicos e em termos discursivos, visto que a criança esforça-se por entender o mundo adulto, porém, frequentemente, esbarra no interdito deste mundo. Assim, passa a preencher as possíveis lacunas com sua imaginação e lembranças, formulando outra espécie de saber crítico, com lógicas que fogem ao mundo pré-concebido dos adultos, não se satisfazendo com respostas prontas.

Deste modo, ainda nos recordando das palavras de Gagnebin, ao falar da infância, o sujeito supostamente autobiográfico lança-se em polifonias identitárias, nas quais “*autos* não é mais o mesmo, o *bios* explode em várias vidas que se entrecruzam e a *grafia* segue o entrelaçamento de diversos tempos que não são

ordenados por nenhuma linearidade exclusiva” (GAGNEBIN, 1999: p. 78), fazendo do sujeito uma espécie de agente da história, uma vez que “a perda e a salvação da infância” deva ser encarada “como [um] modo privilegiado de percepção.” (GAGNEBIN, 1999: p. 75). Noutras palavras, o pensamento benjaminiano, retomado pelas palavras de Gagnebin, parece propor “uma reflexão que tente pensar a nossa prática histórica, isto é, como contamos a nossa história e como agimos nela (...)” (GAGNEBIN, 1999: p. 75). Pensar a autobiografia, portanto, como um encontro privilegiado entre o indivíduo e a sociedade, mais do que uma elaboração pessoal, uma ação estética e política.

Logo, o cenário da infância, tanto no autor africano quanto em Conceição Evaristo, reflete o processo histórico de espaços em sucessivas e profícuas transformações, bem como revela um amadurecimento reflexivo, uma releitura destes indivíduos-autores, extremamente, comprometidos com suas comunidades, seus lugares de origem. Viveram lá e têm agora a possibilidade tornarem-se sujeitos enunciativos de sua própria história, descolonizando um saber que vinha, até então, de fora. Uma vez que são, sobretudo, escritores atuantes no contexto acadêmico, podem revestir seus discursos de uma legitimidade capaz de mobilizar outras formas de se pensar sobre tais instâncias sociais, reescrevendo em suas narrativas outras possibilidades de se contar a História desses espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, S.S de.; JACKSON, A.C.; OLIVEIRA, A. e FURTADO, C. A Contribuição da obra literária de Amadou Hampâté Bâ para o Ensino de História da África. *ANPUH – XIII Encontro de História*, Rio de Janeiro, 2008.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A Hora da Estrela: a relação entre a história e a literatura, uma Questão de gênero? *ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História* – Londrina, 2005.

BÂ, Amadou Hampâté. Confrontações culturais. In: *Revista Thot* nº 80, São Paulo: Palas Athena, abril/2004.

_____. A tradição viva. In.: KI-ZERBO, Joseph. (Coord.). *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p.181-218.

_____. *Amkoullel, o menino fula*. Tradução de Xina Smith de Vasconcellos. Prefácio de Fábio Leite. São Paulo: Palas Athena, 2013.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Tradução de Peter PálPelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
_____. *Becos da Memória*. 2ª edição. Prefácio de Simone Pereira Shmidt e posfácio de Maria Nazareth Soares Fonseca. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2013.

_____. *Encontros de Interrogação* (entrevista). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dHAaZQPIF8I>. Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. *Exclusivo Online Entrevista*. Disponível em: <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/96/artigo15673-3.asp>. Acesso em: 04 de novembro de 2015.

FONSECA, Maria Nazareth Soares Fonseca. Costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 2ª edição. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2013.

GAGNEBIN, Jeannie Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

KABWASA, NsangO’Khan. O eterno retorno. In: *O Correio da UNESCO*, Brasil, 1982, ano 10, nº. 12, p. 12-15.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução geral. In.: _____. (Coord.). *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p.31-42.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. 7ª ed. Coimbra: Almedina, 2007.

SECCO, Maria Lucia Tindó. *Afeto & poesia: ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

Jane Rodrigues dos Santos: Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES, em pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Estágio de Doutorado no Exterior (Bolsa PDEE - CAPES), pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2010). Mestre em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, pela Universidade Federal Fluminense - UFF

(2006). Especialização em Literatura Portuguesa e Graduação em Letras (1999/2001), pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

Artigo recebido para publicação em: agosto de 2015

Artigo aprovado para publicação em: novembro de 2015

Como citar:

SANTOS, Jane Rodrigues dos. Entre memórias e histórias, a escrita de Conceição Evaristo e Amadou Hampâte Bâ. **Revista Transversos. “Dossiê: Áfricas: História, Literatura e Pensamento Social”**. Rio de Janeiro, Vol. 06, nº. 06, pp. 52-68, Ano 03. mar. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.22077.

